

## **Violência dentro da escola: Estudo de caso em Goiânia.**

**Láisse Lemos Silva Sobral<sup>1</sup>**

Professora IFTO campus Dianópolis. Mestranda em Sociologia pela UFG<sup>1</sup> e-mail: laisselemos@hotmail.com

### **RESUMO:**

Esta pesquisa foi realizada na Cidade de Goiânia, em 30 escolas da rede pública estadual, com o intuito de captar dos dirigentes escolares como estes percebem o fenômeno da violência escolar; seus desdobramentos e de que forma os mesmos atuam para reduzir e eliminar este fenômeno social.

Nesta pesquisa parte-se do pressuposto de que as várias formas de violência migram para a escola, é que esta precisa lidar e combater também configura o mundo contemporâneo e aflige os profissionais de educação, os quais necessitam evitar e também inibir sua reprodução no interior escolar. Assim, suas praticas e ações é uma das vertentes dessa pesquisa.

**Palavras-chave:** Educação formal, gestão escolar, professor, violência

### **1. INTRODUÇÃO**

Na pesquisa, houve uma preocupação em compreender o significado que a violência assume para os diretores. Como esses interpretam essas manifestações é de suma importância para avaliarmos suas ações. Primeiramente concentra-se, portanto, em fazer uma análise, a partir da interpretação de cada dirigente sobre violência escolar, de como lidam e quais os sentidos destes fatos.

Desta forma, tentaremos refletir sobre as atividades que os dirigentes fazem sobre o fenômeno da violência, e sua manifestação, e diante deste panorama, como se realiza o processo de socialização, ou seja, os princípios e valores para uma melhor convivência social. No segundo momento, a pesquisa se volta para os fatores que vem contribuindo para o aumento da violência escolar e quais as principais barreiras e dificuldades encontradas pelos dirigentes escolares.

O propósito nesta parte é salientar a posição das instituições escolares na atualidade, procurando uma interpretação sobre a autoridade institucional, se existe para estes profissionais uma “crise docente” que poderia contribuir para o aumento dos índices de violência, se os professores problematizam os efeitos da violência com seus alunos e também qual o papel da família neste processo.

Essa discussão é importante para mostrar a realidade escolar, os aspectos da violência e soluções positivas no enfrentamento da violência. É uma troca de experiência, porque várias visões serão reunidas a fim de evitar uma procura por “culpados” e sim enfatizar soluções eficientes e problematizar o cenário educacional.

Com está pesquisa buscamos identificar algumas formas mais recorrentes de violência escolar, tanto as que são produzidas em seu interior, como as que são reflexos da sociedade, incluindo agressões físicas e veladas. Também fez parte da pesquisa a identificação das estratégias que os dirigentes escolares vêm utilizando como prática educativa para intervir e prevenir o fenômeno de violência escolar.

Outro aspecto importante foi a produção de um diagnóstico dos problemas de violência, para elucidar se este fenômeno faz parte do cotidiano escolar e refletir sobre o conjunto de ações que as instituições vêm desenvolvendo. Por fim buscou-se identificar qualitativamente a posição da direção escolar em relação ao fenômeno da violência.

### **2. MATERIAL E MÉTODOS**

O cenário de Bullying é complexo e diversificado, visto que a violência é uma ação multifacetada, desta forma, a consideração dos recursos metodológicos deve permitir que o comportamento humano seja avaliado, para uma maior aproximação da realidade alcance o nível de fidelidade. Com este intuito, a pesquisa foi embasada no estudo qualitativo, com perguntas abertas, realizadas com os Diretores das escolas estaduais em Goiânia, e assim os mesmos poderiam colocar suas opiniões acerca do fenômeno estudado, para tanto, tivemos a pesquisa de campo.

As perguntas buscam saber quais as possibilidades e barreiras para o enfrentamento da violência e como as instituições, escola e família se posicionam no papel de socializadoras na visão dos dirigentes. As informações foram adquiridas de forma verbal, seguidas por um roteiro, de perguntas e respostas, onde os dirigentes puderam expressar o cotidiano escolar. Alguns indicadores sociais como área de graduação, especialização, idade, sexo, foram associadas nesta pesquisa, para que tenhamos um perfil dos dirigentes, na atual gestão.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A educação possui, conforme explica Durkheim (1978), em sua obra, “Sociologia e Educação” uma natureza permanente, mas não é fixa, por isso temos que compreendê-la além dos limites ensino-aprendizagem. Temos também que aceitá-la como agente de mudança, podendo ter uma “inculcação de valores”, onde corações e mentes são contemplados.

Assim, com essa preocupação e cientes que a educação é mola propulsora de mudanças, é que a geração anterior precisa cuidar e lidar com a sucessora (DURKHEIM, 1978), buscamos compreender em que momento a “inculcação” de valores é preconizada, para tanto na realização das entrevistas com os gestores(as), focamos naqueles que estão na gestão escolar, qual o seu entendimento, preocupação e possíveis soluções para o cenário de *Bullying*.

Acreditamos na educação emancipadora, e, quando os dirigentes, buscam fortemente esses valores ao qual Durkheim (1978) defendia na educação, segundo este autor, as pessoas se educam influenciadas pelos valores da sociedade onde vivem e que vemos a possibilidade de reverter esse cenário, já que podemos fortalecer sentimentos almejados. E assim se crie uma cultura de tolerância, que implica também em criar, influenciar, compartilhar valores socialmente aceitos, tendo como resultado ações, atitudes, de respeito à condição humana.

Após as entrevistas, foi possível inferir algumas “notas” as quais podem suscitar outras propostas de análises:

Primeiro: Os Diretores (as) possuem conhecimento acerca do *bullying*, e que segundo a estudiosa Seixá (2005), “*abrange toda uma variedade de comportamentos, de maus-tratos entre os pares podendo essas ações ser de caráter físico ou psicológico.*”, ou ainda podemos fazer algumas citações que exemplificam algumas atitudes que se encaixam na ideia de *bullying*, que são:

Intimidações (sendo esta ação comum nas falas dos diretores entrevistados);

Pequenas brigas: empurrar, chutar, quebrar objetos e pertences de outro aluno na sala;

Colocar apelidos com intuito de ofender, humilhar;

Perseguição fora do ambiente escolar ou durante o trajeto para a escola.

Percebemos que os conceitos já “circulados” por consenso entre os estudiosos do assunto, demonstrando que dominam e estão atentos a este fenômeno enquanto teoria, pois quando a questão envolve a prática, tiveram alguma dificuldade na fala de mostrar um projeto coerente, eficaz na solução deste problema. A figura do professor, quando mencionada, foi lembrada como aquele que precisa ter domínio, ter o controle da sala de aula, é que às vezes não se pode “romantizar” muito essa questão. E talvez por respeitar o local de trabalho do mesmo, não interferem em conflitos gerados dentro da sala de aula (o professor precisa ter a capacidade de resolver esta questão), assim, quando o problema – violência – chega à Diretoria, ele já está num nível considerado “grave”. Quanto aos “níveis”, quando se vê por parte dos alunos, alguns insultos, apelidos, empurrões, o “nível é baixo”. É o educador que precisa tomar providências,

mas quando a violência vai para o nível físico, ou quando o aluno destrói algum bem ou patrimônio, ou ainda o uso da polícia se faz necessário, é tido como “nível grave” e o Diretor (as) entra em cena.

Segundo: O recreio, que é um intervalo entre as aulas, é um momento de descontração, considerado importante para os diretores, porque é possível ver/notar alguns agressores (pelas atitudes que toma com relação aos demais, as “brincadeiras” neste período de uma “liberdade maior”, apontam).

“Não somente o recreio, mas a entrada, saída” afirma o Diretor e professor de matemática, que reflete sobre os casos de conflitos, lembrando que na saída do colégio e praças próximas, são marcados “pontos de brigas”, é que geralmente em algum momento do seu dia, ele procura nas comunidades de relacionamento na internet (redes sociais), para verificar se existe alguma “briga marcada”.

Os gestores, de forma geral, apontam o diálogo e na parceria com os pais como principal meta para diminuir o Bullying. Deram ênfase na fragilidade da escola quando os pais apóiam a agressividade do filho ou não comparecem nas reuniões; relataram, que mesmo “a família apresente desestrutura, o papel da escola, como proposta de redução do cenário de Bullying, entre os alunos, é a conversa dia-a-dia, para eles sentirem amados”, segundo a coordenadora formada em pedagogia e letras, para ela, a falta de amor e carinho em casa, é sentida pelos alunos(as), que chegam agressivos na escola, assim, repassar um pouco de carinho e atenção é fundamental, ao qual aposta que é necessário investir em ações que os aproximem, criando pra estes agressores um certo nível de responsabilidade com a escola, e essa meta somente é alcançada se os alunos sentirem parte da escola, e para este sentimento de pertencimento ocorra ações como palestras, produções de músicas, realização de teatros, vêm dando resultados positivo segundo a entrevistada acima citada. Enfim, criar vínculos entre o aluno e a escola, onde as respostas pelos primeiros envolvem valores de tolerância e respeito, é a direção que grande parte dos entrevistados colocaram como “solução” para o quadro de Bullying.

Usando Bourdieu(1989), para esse autor a comunicação é pilar pois é nesse sistema de falas que podemos localizar o indivíduo, e essa localização social se percebe o envio de ideias que não é despida de valor, ao contrário, já projeta sua posição social, dentro de um campo já organizado (*estruturas estruturantes*) e logo, na mesma linha de pensamento, temos a divulgação e execução de poder. Assim, o gestor possui um poder, está situado em um local privilegiado, e exerce e emana poder, logo, pode contribuir com ações positivas que pelo seu status lhe conferem legitimidade.

### *O Pensamento dos dirigentes*

Em relação à violência, o modo como a entende no ambiente escolar primeiramente é dado como reflexo da sociedade. Afirmam em sua maioria, que são questões que estão fora da escola, e que migram para o ambiente escolar.

Consideram a escola como parte da sociedade, não como algo isolado ou desligado desta, assim, a formas de violência ocorrida no ambiente externo, ou chamado por alguns dentro do universo escolar de “extra-muro” – do outro lado do muro da escola - acaba sendo similares ou idênticas às ocorridas internamente nas escolas, daí avaliação como extensão ou migração para o ambiente escolar.

Entre as formas que originam um ambiente agressivo, segundo as falas dos diretores, estariam em primeiro lugar as brigas por namoro, que são tidas como naturais para a idade, depois, acrescentam as brigas ocorridas por escolhas de time de futebol, torcidas organizadas, em seguida temos os conflitos “exclusivos” das meninas, que envolvem a beleza, roupas, físico das meninas, por fim apontam, a ocorrência de tráfico de drogas, a busca do poder, pedofilia, aliciamento de menores, roubos e furtos, e atos de vandalismo e depredações. Estas últimas são eximidas por alguns diretores a sua responsabilidade: “Não sou formado em Direito, não fiz

curso e nem conheço as leis, isso foge do projeto pedagógico, é caso de polícia, aí chamo o Batalhão Escolar”, contesta o Diretor formado em Biologia e Fisioterapeuta.

Por outro lado, há quem acolhe esse cenário, como responsabilidade da escola, como é o caso do Diretor Filósofo, que acusa o Batalhão Escolar de não ter nenhum preparo para lidar com estes alunos, e dessa forma causa danos maiores ao tratá-los com preconceitos.

A complexidade do tema, a difícil tarefa de dominar certos assuntos e a falta de referencial de punição, como advertências e suspensões visto que estas medidas no momento estão proibidas pelo Ministério Público, (a interpretação seria de que a repressão inibe e constrange o aluno e este poderá perder a “vontade” de estudar), são reclamações recorrentes dos entrevistados, e depois, como agravante, colocam que algumas famílias são geradoras de práticas de violência.

A família é dada como agressiva, onde os alunos crescem vendo e tendo a violência como partes do seu cotidiano, internalizam e naturalizam, e quando chegam à escola praticam como algo natural, ou como ausente no processo educacional, ou que se posiciona como isentas destes processos, é que os professores/educadores é que são os verdadeiros responsáveis pela formação social e intelectual de seus filhos e cobram medidas socializadoras quando o filho comete no lar algumas ações de intolerância.

Os dirigentes afirmam que as famílias atualmente são desestruturadas, não conseguem colocar limites, não impõem valores socialmente aceitáveis e colocam essa responsabilidade totalmente aos cuidados da instituição escolar. Essa transferência de formação de valores da família, para a maioria dos gestores é um complicador, principalmente porque o envolvimento emocional entre pais e filhos é totalmente diferente e distante entre professores e aluno.

Uma análise das falas permite considerar que a família coloca ao poucos a responsabilidade da educação primária para os profissionais em educação e a escola por sua vez, por não possuir meios, tempo, organização na grade curricular, infra-estrutura, se sente fragilizada diante de tanta responsabilidade, até porque os profissionais não recebem em sua formação um curso de preparação para essa nova exigência e grande parte do grupo entrevistado, afirma que os profissionais estão sobrecarregados de tarefas que não são exclusivas de seu cargo, ou ainda, que realmente não fazem parte das funções de um professor.

Outra dificuldade indicada foi o tráfico de drogas, a mídia, os filmes e jogos violentos. O tráfico de drogas envolve não somente o uso em si, ele correlaciona redes de poder, intrigas, dívidas, é condicionado para o jovem como chave para entrada em grupos fechados, entre outras condições que culminam exclusivamente em conflitos violentos. “a rua, o desejo de ir para a rua, é provocada pela ausência dos pais, que não colocam limites para seus filhos” diz o Diretor Biólogo, que inicialmente afirmava que sua motivação ao cargo seria o plano de carreira.

A mídia foi lembrada como propulsora da violência quando colocam filmes, desenhos, programas, inclusive infantis violentos. “a violência vem de fora, assistir filmes violentos com um ambiente familiar agressivo, contribui para brigas dos coleguinhas” diz a vice-diretora Pedagoga, que teve como opção esse cargo por estar com problemas na voz, para ela a mídia divulga valores irreais de supremacia, dominar certos golpes, saber pontos vitais, ter um rival, ter um grito, um inimigo é isto “é colocado como positivo para as crianças sem nenhum cuidado”, constata a vice-diretora, e esse ar de vitorioso para quem sabe agredir torna mais difícil a redução da violência porque a sua raiz –a mídia- é complexa e lança cotidianamente novos heróis com o mesmo plano e traços acima mencionado e com fortes desejos de ser um deles por parte do alunado.

Faz necessário mencionar, que as soluções dadas, durante as entrevistas com os diretores, grande parte assumiram que acionam o Batalhão Escolar, até mesmo porque existe uma orientação para que a patrulha seja acionada para que qualquer incidência de ato de violência, por menor que seja este deve ser acionado. Os telefones do Batalhão Escolar ficam em locais de fácil visualização, com letras grandes e chamativas, na sala do diretor, coordenação e sala de professores.

Apesar de parecer contraditório, os gestores, falam que o nível de segurança é bom no ambiente escolar, indicam que a violência era mais visível na gestão passada, e que a presença do Batalhão Escolar impõe e auxilia na ordem escolar, atuando fortemente na escola, conversam com os alunos, repreendem os mesmos, falam da possibilidade de ficarem detidos como medida educadora. Alguns diretores inclusive colocam no outro dia para os alunos da escola, o porquê da visita do batalhão no dia anterior, o que aconteceu, e quais as providências tomadas pela escola e pelo batalhão, enfatizando a punição para o aluno (a) que teve um ato de indisciplina, justamente para inibir tais atos novamente.

O sentimento de segurança, segundo a maior parte dos entrevistados é compartilhado entre os profissionais e alunos, que além de contar com o apoio do Batalhão, fazem alguns trabalhos intermediários com os alunos para que fortaleça o sentimento de pertencimento e respeito à instituição escolar, tais como: palestras, diálogo afetivo, projetos sobre o assunto e passeatas, e também a forma como cuidam do espaço físico: muros altos, grades, polícia militar passando e acionando a sirene, pessoal da limpeza circulando o pátio e áreas afins, proibição dos para os alunos de ficarem próximos aos muros e portões.

Na questão segurança, de uma forma geral, foi apontado que uma sala com aproximadamente 45 alunos, com características educacionais, religião, costumes e etc., diferentes gera certa insegurança, porém, não esta no nível alarmante. É possível notar uma preocupação dos gestores com o aumento da violência, mesmo que eles coloquem sua escola fora deste contexto e referiam às outras escolas, estes mostram uma inquietação frente a este fenômeno social, e procuram elaborar projetos, aulas específicas.

Quando ocorre algum ato violento existe um professor “geralmente o de sociologia, filosofia, e ensino religioso encarregados de conversar com estes alunos de fazê-lo aceitar que é agressivo”, diz a Diretora e Pedagoga, especializada em administração escolar, que reforça a reclamação geral dos entrevistados sobre a família, por não saber repassar valores aos filhos com a desculpa “não possuir tempo necessário para educar ou não quer educar, e joga tudo para escola” desabafa.

Apesar de tantas barreiras, e com a exigência de maiores esforços para ter um ensino-aprendizagem de qualidade, e com mais funções no papel do professor, que deve “ouvir, escutar, dialogar, tentar interpretar o aluno-agressor”, lembra o Diretor e professor de matemática, os diretores entrevistados buscam parcerias (ongs, polícia, comunidade, pais) para conscientizar e falar dos valores humanos dentro de um plano pedagógico; suas expectativas não atingem as metas em sua totalidade justamente pela ausência da família, dada não somente pelo aspecto da presença física da pessoa, mas também pela carência de estrutura familiar: de condições econômicas, de amor pelos filhos, de consciência do valor qualitativo de vivenciar com o filho as conquistas e dificuldades cotidianas, a falta de um referencial de família e de limites que somente terá no ambiente familiar.

Atribuída a importância ao professor, do conhecimento, de responsável por colocar na sociedade um indivíduo crítico e reflexivo, temos um contexto precário de educação, onde o profissional de educação precisa desenvolver várias habilidades, possuir qualidade tais como: paciência, calma, ser pró-ativo, ser mediador, em tempo integral, sem sofrer nenhum tipo de esgotamento físico nem emocional, durante toda sua carreira profissional, e estas características que são depreciadas cotidianamente por falta de preparo, por salários baixos, falta de recursos pedagógicos, escolas precárias, vão sendo somadas com o cansaço e esgotamento diário do professor (sobrecarregado de tarefas e aulas para cumprir a grade e ter um salário melhor), aliado a pressões causadas pelo Bullying para que resolva essas questões a curto prazo, acabam por vezes por aumentar (violência velada professor-aluno), ou desencadeadas para outras instâncias como o conselho tutelar e polícia.

## 6. CONCLUSÕES

Percebe-se que a noção de que violência aliada à pobreza vem sendo desmistificada, já que os gestores conhecem o perfil de seu alunado, e não existe para estes uma ligação entre essas condições. E esse cuidado em pensar violência não atrelando a isso à pobreza é também refletido no trabalho de Sposito (1995), onde a autora vai mostrar a violência escolar nas escolas públicas da grande região de São Paulo.

Sposito (1995) busca questões históricas da violência, nota que violência vem agregada a pobreza numa relação de causa e efeito e que esta explicação deve ser “desnaturalizada” porque não condiz com a realidade escolar, vai além, quando por meio de seus estudos mostra que a violência escolar não é algo estrito da sociedade brasileira ou ainda de países com desigualdades sociais semelhantes ao do Brasil e constata que existem poucos estudos sobre o assunto.

Com relação ao efeito violência e pobreza, os nossos entrevistados não mostraram uma relação causal entre estas, conhecem o perfil do seu alunado como uma mistura entre os níveis de classe baixa, média e alta, que possuem alunos de Goiânia e também do interior, alguns morando próximos da escola outros não. Assim, assumiram quase em sua totalidade que os conflitos são gerados namoros, ofensas, brigas entre grupos fechados, por questões de critérios de beleza, por aspectos físicos, econômicos - em relação às vestimentas e oportunidade de possuir aparelhos de última geração.

E o agravante da violência que a maioria destacou foi a grande divulgação dos direitos da criança e do adolescente sem um planejamento com a realidade escolar, para estes os direitos veem sendo mal interpretados. Os direitos deveriam vim vinculados para os alunos junto com os direitos, porém, somente os direitos estão sendo acentuado o que faz com que os alunos se sintam no direito de agredir (verbalmente e fisicamente), porque sabem que sendo de menores nenhuma medida pode ser tomada contra eles tais como advertências, suspensão, assinatura no livro de ata onde assume e assina o seu erro, nem ao menos o aluno (a) é obrigado a vestir o uniforme.

Diante disso, os gestores colocam a importância do Ministério Público reavaliar a colocação dos direitos da criança do adolescente, ao menos existir outros parâmetros, para evitar o aumento da violência, a questão para grande parte dos entrevistados, não é somente reduzir a idade penal, e mostrar para os alunos o significado de crime que todos os adultos são sujeitos, e ter uma punição equivalente ao ato e não referente a idade.

Outro elemento neste contexto ainda pode ser alvo de reflexão segundo os diretores: como a escola vai repassar os valores socialmente aceitáveis para uma boa convivência, ao qual a escola foi incumbida, e esta não possui nenhum referencial de punição e que esta palavra não deve ser entendida como negativa. A escola para estes profissionais precisam ter um referencial de limite, para que quando o aluno extrapole ou cometa algum ato indisciplinar ele sofra as consequências destes atos, tais como sofreria se não tivesse no ambiente escolar.

E estes posicionamentos da maioria dos gestores o localizam quando afirmam que a violência em seu primeiro momento é uma questão social, são reflexos da sociedade, que atribui como fatores principalmente à família desagregada (não somente pais separados, filhos de terceiros casamentos, mas a ausência por causa do trabalho, a falta de referência familiar).

As principais barreiras para estes profissionais é novamente a ausência de referência familiar, e também a dificuldade de diagnosticar em cada caso a sua raiz, por isso aponta o diálogo, uma conversa afetiva e a cobrança da presença da família na escola como o primeiro passo estrutural para reduzir o clima de violência na escola.

Para uma minoria o diálogo foi apontado não como um ato para descobrir as raízes da violência e sim como o único recurso que a escola possui para inibir os conflitos, sendo que o diálogo para estes acabou virando “falatório e falação” e depois se o aluno se envolver em novos conflitos a família e o aluno é encaminhado para a equipe multiprofissional.

Os conflitos gerados por roubos, principalmente o de aparelhos tecnológicos, o recurso é colocar no estatuto da escola a proibição do seu uso, o que isenta a escola de ter que arcar com qualquer sanção ou prejuízo uma vez que existe a proibição, e os alunos cientes disto

difícilmente reclamam com a direção o roubo, em casos mais extremos o Batalhão Escolar é chamado, porque para estes, isso já é crime, e foge do seu plano pedagógico, “uma vez que nem estuda na sua formação o código penal”, fala de um diretor que ilustra o entendimento da grande maioria acerca de crimes cometidos na escola tais como vandalismo, destruição do bem público. Quando perguntamos com a relação entre a violência gerada no ambiente familiar e a do escolar, praticamente todos os gestores responderam que estão fortemente ligadas, uma induz a outra. Para esses profissionais o fato da família usar a violência no seu cotidiano, essa passa a fazer das ações da criança. Ela não consegue distinguir outra forma de alcançar o que deseja a não ser pela agressão, já que presencia em seu lar somente esta condição. Assim, podemos perceber a necessidade de criar novos vínculos, de estimular e fortalecer alguns laços tradicionais, não romantizando a família nuclear, mas fortalecendo a imagem da família para a criança que necessita de um referencial.

Realizar projetos que valorizem o ambiente escolar, e os alunos não podem ficar excluídos na realização destes projetos, ou seja, repassar algumas responsabilidades de cuidados como algo exclusivo destes. E para a capacidade socializadora da escola ganhar força novamente é necessário que os profissionais entendam que as famílias veem sofrendo inúmeras mudanças, não existe mais um ideal familiar, e que precisam lidar com essas novas configurações sem o “desejo cultural” da família nuclear.

E necessário repensar o contexto escolar, o “campo” escolar, usando a linguagem bourdiana, para entender como a teia de ações e reações circulam, as dificuldades junto com os profissionais que lidam cotidianamente com a escola, para evitar uma má interpretação das leis, o que vem causando sérias queixas desses profissionais, que apenas recebem notificações do Ministério Público e não ganham voz suas reclamações. É preciso repensar nas referências escolares, no sentido de que, atualmente muitas funções vêm sendo atribuída a escola, porém, sem nenhum respaldo, sem nenhum estudo específico no ambiente escolar, sem avaliar as condições estruturais destas.

E essas mudanças deveriam afetar desde a formação acadêmica, reavaliar o que é poder escolar num sentido positivo, e não de supremacia institucional, rever o papel do professor e suas funções, aumentando o quadro de profissionais no ambiente escolar.

Ressalto que possam existir outras formas de intervenção e algumas barreiras que somente poderão ser derrubadas com um esforço governamental, mas saliento que a pesquisa tentou buscar a real situação das escolas em relação à violência e auxiliar em projetos educacionais que visem a redução deste fenômeno no ambiente escolar.

## REFERÊNCIAS

\_\_\_\_\_. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. (Lei 8.069, de 13 de julho de 1990). *Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências*. Presidência da República. Diário Oficial, Brasília, 1990.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989

DURKHEIM, É. **Educação e Sociologia**. 11<sup>a</sup>. edição. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1978.

MINAYO, M. C. S. (org.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis RJ: Editora Vozes, 2003.

MINAYO, M. C. S. *Violência na escola: identificando pistas para a Prevenção*. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/icse/v7n13/v7n13a08.pdf> > Acesso em 15/02/2013.



SEIXAS, S. R. *Violência escolar: Metodologias de identificação dos alunos agressores e/ou vítimas. Anais Psicológica*, abr. 2005, vol.23, no.2, p.97-110. Disponível em:  
<<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v23n2/v23n2a03>> Acesso em 15/07/2014.

SPOSITO, M. P. *A instituição escolar e a violência. Instituto de Estudos Avançados. Universidade de São Paulo*. 1995.